



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO RURAL

Mulheres

na Agroindústria Familiar no Rio Grande do Sul

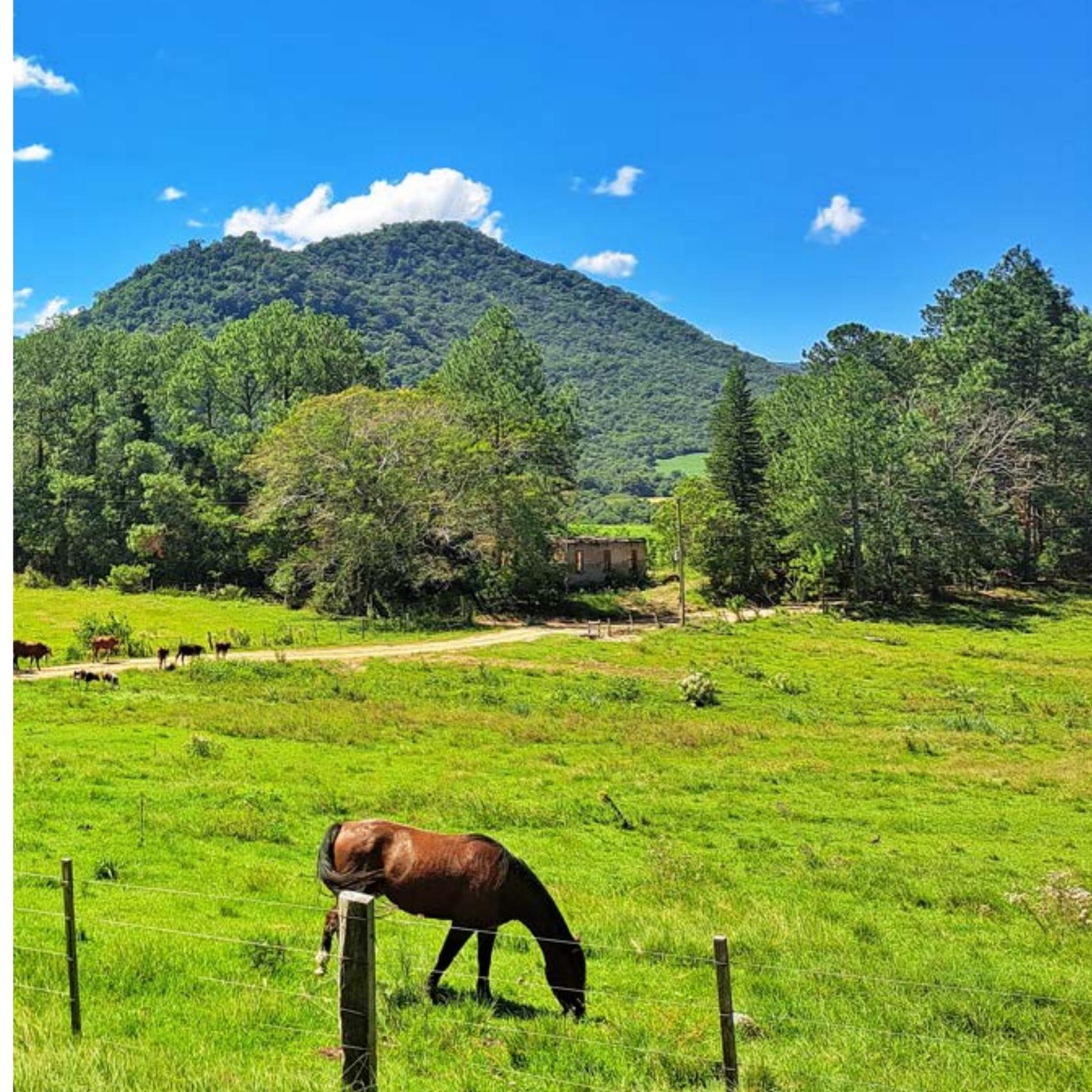
Participação e Sustentabilidade

Bruna Bresolin
Clarice Vaz Emmel Bock
Leila Ghizzoni
Magda Aparecida Limberger Tonial (colab.)

Fotografia
Fernando Dias

2ª ed. rev. e atual.
Porto Alegre
inverno de 2024





GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR)

EDUARDO LEITE

Governador do Estado

RONALDO SANTINI

Secretário de Estado de Desenvolvimento Rural

**Associação Riograndense de Empreendimentos de
Assistência Técnica e Extensão Rural –Emater/RS
Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural – Ascar**

MARA HELENA SAALFELD

Presidente da Emater/RS

Superintendente Geral da Ascar

CLAUDINEI MOISÉS BALDISSERA

Diretor Técnico da Emater/RS

Superintendente Técnico da Ascar

ALEXANDRE BRUNO ARRAIS DURANS

Diretor Administrativo da Emater/RS

Superintendente Administrativo da Ascar

Mulheres

na Agroindústria Familiar no Rio Grande do Sul

Participação e Sustentabilidade

Bruna Bresolin
Clarice Vaz Emmel Bock
Leila Ghizzoni
Magda Aparecida Limberger Tonial (colab.)

Fotografia
Fernando Dias

2ª ed. rev. e atual.
Porto Alegre
inverno de 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Emater/RS-Ascar

B842m Bresolin, Bruna.
Mulheres na agroindústria familiar no Rio Grande do Sul:
participação e sustentabilidade / Bruna Bresolin, Clarice Vaz Emmel Bock, Leila
Ghizzoni ; colaboração, Magda Aparecida Limberger Tonial ; fotografia, Fernando
Dias. – 2. ed. rev. e atual. – Porto Alegre: Emater/RS-Ascar, 2024.
60 p. : il. color.

I. Mulher rural. 2. Agricultura familiar. 3. Agroindústria familiar. 4. Gênero. 5.
Sucessão familiar. I. Bock, Clarice Vaz Emmel. II. Ghizzoni, Leila. III. Tonial, Magda
Aparecida Linberger (colab.). IV. Dias, Fernando (fot.). V. Título.

CDU 631.145:396(816.5)

Referência

BRESOLIN, Bruna; BOCK, Clarice Vaz Emmel; GHIZZONI, Leila; TONIAL, Magda Aparecida Limberger (colab.). **Mulheres na agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: participação e sustentabilidade.** Fotografia Fernando Dias. 2. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Emater/RS-Ascar, 2024. 60 p. il. color.

Emater/RS-Ascar Rua Botafogo, 1051 - 90150-053 – Porto Alegre/RS - Brasil
Fone (0XX51) 2125-3000
<http://www.emater.tche.br> E-mail: biblioteca@emater.tche.br

Realização: Gerência Técnica e Gerência de Planejamento da Emater/RS-Ascar

Catálogo Internacional da Publicação: Cleusa Alves da Rocha, CRB 10/2127

Design gráfico: Roseana Caeneghem Kriedt

Fotografia: Fernando Dias (Seapi/Ascom)

Normalização: Cleusa Alves da Rocha e Bruna Hagemann Leães (estagiária de Biblioteconomia)

Revisão textual: Giselle Liana Fetter

Tratamento de Imagem: Karina Renata da Silveira Tesche (estagiária de Design Gráfico).

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	5
AGRADECIMENTOS	7
I HISTÓRICO	9
2 A MULHER NO ESPAÇO RURAL	11
3 A AGROINDÚSTRIA	13
3.1 Precedentes da Agroindustrialização no Rio Grande do Sul	13
3.2 A Formalização da Agroindústria Familiar	15
3.3 A Presença da Mulher na Agroindústria	16
3.4 A Nossas Percepções/Olhares	18
4 O PROTAGONISMO DA MULHER HOJE	21
5 RETROSPECTIVA DA 1ª EDIÇÃO DO LIVRO	47
REFERÊNCIAS	57





APRESENTAÇÃO



A obra que segue é um importante relato acerca da relevância das mulheres à frente dos empreendimentos familiares do Rio Grande Sul. Além de evidenciar a importância do processo de agroindustrialização para a economia gaúcha, também demonstra como o público feminino é o grande propulsor do crescimento desse segmento em nosso Estado.

Através das 12 histórias aqui contadas, vemos o envolvimento das mulheres em todas as etapas do processo agrícola, desde o plantio e cuidado das culturas até a colheita e comercialização dos produtos. Suas contribuições são fundamentais para o sustento das famílias rurais e para a segurança alimentar global.

Nos espaços destinados à agricultura familiar nos grandes eventos em nosso Estado, celebramos de forma recorrente a presença maciça de mulheres à frente das agroindústrias, número que supera os 60% do total de expositores em alguns casos. Tal fato evidencia a importância da promoção de uma política de sucessão familiar na atividade rural.

A função crucial de transmitir conhecimentos ancestrais, que remontam os sabores da nossa infância e revelam a qualidade dos produtos gaúchos para novos públicos, também fica a cargo dessas grandes mulheres.

À frente da Secretaria de Desenvolvimento Rural, seguimos estimulando a associação e a organização dos agricultores familiares em agroindústrias, buscando ampliar o mercado de comercialização dos seus produtos, seja através das compras institucionais ou das feiras regionais e estaduais.

Ronaldo Santini

Secretário do Desenvolvimento Rural



Há alguns anos, as mulheres vêm ocupando espaços importantes dentro das cadeias produtivas especialmente à frente de agroindústrias familiares.

Deixando para trás o anonimato, elas não são mais simples coadjuvantes, mas, sim, protagonistas de histórias inspiradoras de superação.

Hoje impulsionam iniciativas que não apenas fortalecem as propriedades rurais, mas também garantem sua independência financeira, gerando qualidade de vida e elevando a autoestima.

Assim, além de desempenharem papéis tradicionais como avós, mães, esposas ou filhas, as mulheres emergem como verdadeiras empreendedoras, assumindo a liderança em diversas atividades do meio rural. Esse papel não é apenas natural, mas uma herança de administração e empreendedorismo que trazem desde a infância, lutando com bravura por seu lugar.

Nas agroindústrias familiares do Rio Grande do Sul, as mulheres não apenas compõem a maioria, como frequentemente lideram ao lado dos homens. Nos últimos anos, as mulheres têm sido maioria nas feiras e espaços de vendas promovidos pela Emater/RS-Ascar.

O que antes era produzido apenas para consumo das famílias, ou vendido pelos homens que lideravam os negócios, agora é comercializado com excelência pelas mulheres e jovens da propriedade.

De meras ajudantes, elas passaram a assumir o papel de protagonistas nas suas propriedades e em suas agroindústrias.

À frente de pequenos ou grandes empreendimentos, destacam-se pela qualidade excepcional e relevância dos produtos que oferecem, fruto de um olhar atento e observador, que faz parte de sua essência.

Com sua vivência emocional e saudosista, imprimem nos produtos as memórias e sabores da infância e das experiências de vida. Os produtos trazem as receitas de família, que eram produzidas pelas mães, avós e bisavós.

São mulheres que exploram os confins do Estado, levando consigo seus talentos e habilidades através de uma variedade de produtos e participando ativamente de eventos e feiras. Mesmo quando deixam suas casas e propriedades, não perdem a leveza e o encanto característicos.

Ao lançarmos um livro dedicado às "Mulheres na Agroindústria Familiar", celebramos e reconhecemos o papel fundamental delas no desenvolvimento rural e social de nossa terra.

É um tributo sincero a cada Mulher que torna nosso Rio Grande do Sul um lugar cada vez mais belo e acolhedor, refletindo a beleza e a determinação das mulheres gaúchas!

Mara Helena Saalfeld

Presidente da Emater/RS e Superintendente Geral da Ascar

AGRADECIMENTOS



Agradecemos a todas as mulheres e suas famílias que acolheram a equipe de organização desta edição.

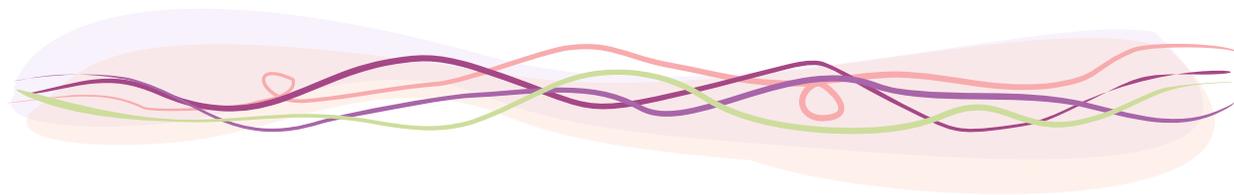
Em especial aos extensionistas rurais dos escritórios regionais (Esregs) e dos escritórios municipais (EMs) da Emater/RS-Ascar que apoiaram este processo de seleção dos empreendimentos e que assessoram as famílias rurais, prestando Assistência Técnica e Extensão Rural Social (ATERS).

Aos colegas que participaram de todo processo de elaboração desta edição, seja na escrita, no processo de compra, na elaboração de layout, entre outras etapas.

Ao fotógrafo Fernando, pela parceria e qualidade do trabalho prestado.

Nosso muito obrigada!

As autoras



Extensionista rurais dos Escritórios Regionais (Esreg):

Alexandre Primo Alves – Esreg Bagé
Jaqueline Bragança – Esreg Bagé
Ricardo Capelli – Esreg Caxias do Sul
Neuri Frozza – Esreg Caxias do Sul
Carlos Alberto Angonese – Esreg Erechim
Nadia Magali farina – Esreg Erechim
Márcia Faccin ou Cleomar de Bona – Esreg Frederico Westphalen
Dulceneia Wommer ou Marlete Piaia – Esreg Frederico Westphalen
Erni Breitenbach – Esreg Ijuí
Silvana Denize Canova Ritterbusch - Esreg Ijuí
Alano Tonin – Esreg Lajeado
Elizangela Mainardi – Esreg Lajeado
Vilmar Leitzke – Esreg Passo Fundo
Luciana Gobbi – Esreg Passo Fundo
Renato Cougo – Esreg Pelotas
Regina Medeiros – Esreg Pelotas
Alexandre Schmidt – Esreg Porto Alegre
Fernanda Gilli – Esreg Porto Alegre
Eduardo Gelain – Esreg Santa Maria
Andriele Taciane Wansing – Esreg Santa Maria
Jorge Lunardi – Esreg Santa Rosa
Vanessa Gnoatto – Esreg Santa Rosa
Olivio Faccin – Esreg Soledade
Evandro Scariot – Esreg Soledade

Extensionista rurais dos Escritórios Municipais (EM):

Carmem Elizete Cáceres Leite – EM Hulha Negra
Alexandre Frozza – EM Pinto Bandeira
Marilei Vendrame Batisti – EM Mariano Moro
Ana Paula Vargas Lopes – EM Sarandi
Elisa Volpato – EM Santo Augusto
Mateus Monteavaro – EM Feliz
Teresinha Ana Berwian – EM Almirante Tamandaré do Sul
Janaina Silva da Rosa – EM Turuçu
Eduardo Brocca Lentz – EM Maquiné
Bruna Mezzomo Neubauer – EM Faxinal do Soturno
Guilherme Dahmer – EM Santa Rosa
Elisabete de Vargas – EM Lagoão

I HISTÓRICO



No inverno de 2014, a extensão rural gaúcha buscou trazer o reconhecimento do trabalho das mulheres na agroindústria familiar no Rio Grande do Sul (RS). Iniciou-se um trabalho de resgate, seleção das mulheres que lideravam agroindústrias no Estado, e se propôs reconhecer esses espaços através de uma publicação, que resultou na 1ª edição do livro.

Durante a Expointer do mesmo ano, foi lançado o livro, que representou um momento de muita emoção e valorização da atuação e conquista das mulheres rurais, mostrando o importante trabalho de ATERS na estruturação desses espaços.

Dez anos depois, vislumbramos a oportunidade de retornar e ver como estão atualmente essas agroindústrias e visitar novos empreendimentos. Reconhecer a repercussão da extensão rural concretizada no empenho e dedicação dessas mulheres. Organizamos um cronograma de visitas, que passaram por ajustes em meio a uma situação de calamidade, vivenciada pelas enchentes de maio no Estado.

Porém, o objetivo era maior: valorizar o trabalho desenvolvido pelas mulheres nas agroindústrias familiares. Isso fortaleceu a equipe, que persistiu no projeto, dando continuidade a uma 1ª edição impactante e que de fato resultasse na concretização desta 2ª edição.



2 A MULHER NO ESPAÇO RURAL



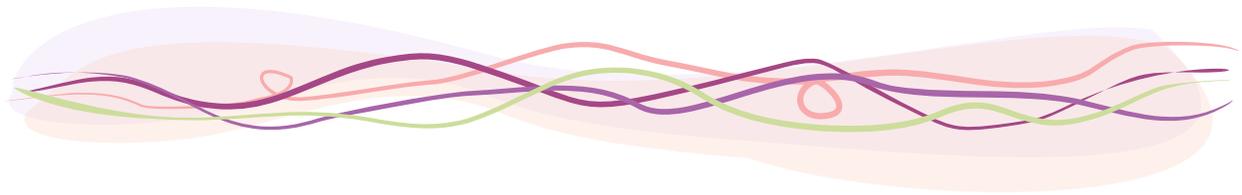
A Emater/RS-Ascar no ano de 2021/2022 realizou uma pesquisa em parceria com o Departamento de Economia e Estatística (DEE) que definiu o perfil das mulheres rurais. O objetivo das 5.103 entrevistas realizadas (amostra representativa da população de mulheres rurais, proporcionais a sua concentração) foi de identificar e caracterizar as mulheres agricultoras familiares assistidas pela ATERS, bem como os espaços e as formas de sua inserção social e econômica. O trabalho foi desenvolvido com base em sete eixos: perfil, rotina de trabalho, tomada de decisão, gestão de recursos, espaços representativos, saúde e gênero e acesso à internet.

O perfil das mulheres rurais mostrou que a classificação das propriedades é composta de: 86% agricultoras familiares, 5% pecuaristas familiares, 4% assentadas da reforma agrária, 2% nenhuma categoria, 1% quilombola, 1% indígena e 1% pescadora, sendo esses os públicos assessorados pela Emater/RS-Ascar.

Com relação à escolaridade, quase metade das mulheres não tem escolaridade ou possui ensino fundamental incompleto, e um quarto delas possui fundamental completo. As mulheres mais jovens possuem maior escolaridade: 42% entre 18 e 29 anos têm ensino médio completo e 22% ensino fundamental completo. Já 66% das mulheres com mais de 60 anos têm ensino fundamental incompleto.

No que tange à contribuição da renda, 88% das mulheres consideram que contribuem com metade ou mais da renda da propriedade. Contudo, esse índice não indica necessariamente independência financeira, pois há casos em que a renda é obtida pela mulher, mas quem administra os recursos é o marido, não havendo apropriação efetiva da renda nem decisão sobre como e com o que gastar, por exemplo.

Quanto ao processamento caseiro de alimentos, 53% das mulheres estão muito fortemente envolvidas no processo. Ao mesmo tempo, em relação à agroindústria, 32% e 10% tem muito forte e forte envolvimento respectivamente. Como se pode observar, há maior envolvimento das mulheres na produção para o autoconsumo, como na horta, no pomar e no processamento de alimentos caseiros (conservas, compotas, queijos, panificados, etc.). Esse processamento caseiro, por vezes, evolui para a produção comercial, com a criação de agroindústrias (Emater, 2021 - Relatório técnico).



Na participação nas tomadas de decisões com relação aos assuntos domésticos, a mulher tem muito envolvimento nas compras de objetos para casa, supermercado e produtos para autocuidado, bem como no estudo dos filhos, e média participação na manutenção e reparos da casa. Nos assuntos da produção, há grande participação na agroindustrialização da produção, e média participação nos investimentos e alterações das atividades produtivas, adoção de novas tecnologias, compra de terras, veículos, animais, na agropecuária e ferramentas e utensílios.

No gerenciamento das atividades comerciais, as mulheres se envolvem mais no que se refere às vendas, e os homens no gerenciamento dos negócios. A comercialização dos produtos agrícolas e de animais é uma atividade predominantemente do homem. Já na venda direta ao consumidor predominam as mulheres.

3 A AGROINDÚSTRIA



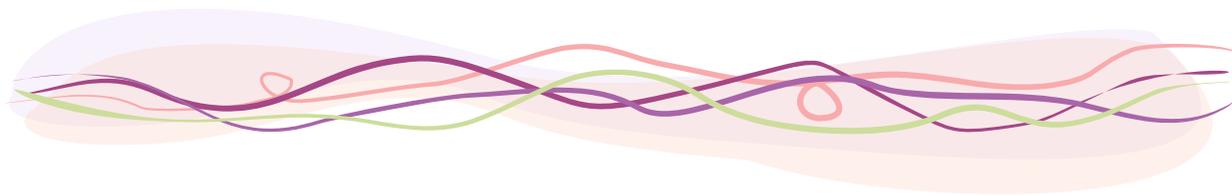
3.1 Precedentes da Agroindustrialização no Rio Grande do Sul

Desde sua criação, a Emater/RS-Ascar trabalha com o processamento de alimentos, buscando a qualidade higiênico-sanitária, o aproveitamento integral dos alimentos e a melhoria dos processos, com incrementos de qualidade nos produtos. Esse trabalho iniciou-se com as atividades propostas pelas extensionistas da área social, que sempre buscaram qualificar os processos tradicionalmente utilizados pelas donas de casa no meio rural. Isso se deu tanto nas visitas às famílias quanto nos grupos de mulheres, fundamentais para a socialização, troca de experiências e modos de vida.

Ao mesmo tempo em que sempre se respeitou as receitas tradicionais e o modo de preparo de cada alimento, inovações foram sendo incorporadas. Esses alimentos preparados para consumo da família serviam de moeda de troca para a compra do que não era produzido na propriedade, como café, açúcar e tecidos. Essa dinâmica garantia a soberania e segurança alimentar das famílias rurais, que aproveitavam os insumos da propriedade, como hortaliças, frutas, leite e carne, no preparo de receitas típicas locais, garantido a oferta desses alimentos por mais tempo.

Posteriormente, as migrações para os centros urbanos ocasionaram o início dos processos de venda desses produtos. A princípio, as encomendas de queijos, pães, geleias e embutidos, começaram a ser feitas pelas pessoas que se mudaram para a cidade. Esses novos centros urbanos, acostumados com a comida típica das propriedades rurais, com hábitos alimentares muito influenciados pelas imigrações e na busca da memória afetiva que esses sabores traziam, procuraram ter esses produtos no seu novo lar. A partir disso, surgiram as encomendas, que eram feitas durante a semana e retiradas no final de semana.

Com o passar do tempo, as encomendas aumentaram e o que antes era produzido na cozinha de casa, passou a demandar mais espaço, exigindo de muitas famílias a criação de cozinhas separadas para a elaboração desses alimentos. Diante de todo esse movimento, a extensão rural passou a fomentar a formalização dessa produção, e o Estado começou a enxergar os benefícios que o desenvolvimento da atividade de agroindustrialização poderia trazer.



Benefícios da agroindustrialização nas propriedades rurais:

- *aproveitamento de matéria-prima própria;*
- *distribuição da renda ao longo dos meses;*
- *agregação de valor à matéria-prima;*
- *desenvolvimento local e regional;*
- *incremento ao turismo rural;*
- *fortalecimento da cultura alimentar;*
- *geração de empregos;*
- *valorização da mulher;*
- *atividade atrativa para permanência dos jovens no meio rural.*

3.2 A Formalização da Agroindústria Familiar



A formalização dos empreendimentos abrange três eixos – formalização sanitária, ambiental e tributária/fiscal – e tem o objetivo de garantir a oferta de alimentos seguros, proteger o meio ambiente e promover a arrecadação de impostos para o Estado. No RS a primeira política pública para tratar do tema da agroindustrialização e criar serviços para auxiliar na formalização dos empreendimentos se deu em 1999, com a publicação de um Decreto Lei, que dispôs sobre o Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF) e criou o selo de identificação dos produtos oriundos da agricultura familiar, o Selo Sabor Gaúcho.

Em 2012 essa política foi consolidada através da publicação de um arcabouço legal que tornou o programa uma política pública de Estado, garantindo sua continuidade. Hoje, são mais de 1.700 empreendimentos formalizados, que comercializam em mercados institucionais, feiras, mercados, empórios e diretamente na propriedade (SDR, 2024).

A Emater/RS-Ascar operacionaliza o Programa desde seu início, por isso é a entidade que detêm o conhecimento técnico para o auxílio às famílias, que contempla:

- assistência técnica continuada;
- elaboração de projetos para acesso ao crédito;
- elaboração de projetos para construção e aprovação sanitária;
- elaboração de tabelas nutricionais;
- assistência técnica em boas práticas de fabricação;
- auxílio na elaboração e revisão de rótulos;
- capacitação;
- auxílio na comercialização (mercados institucionais, mercados formais e feiras).

3.3 A Presença da Mulher na Agroindústria



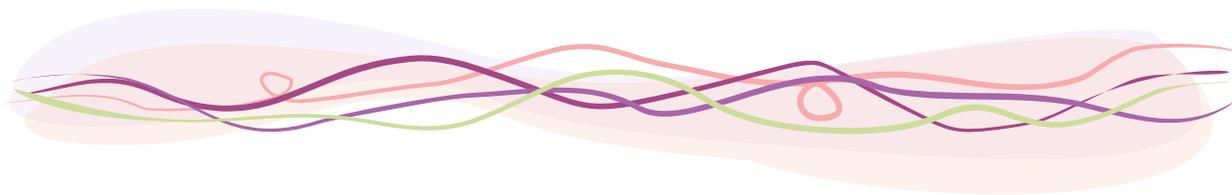
As mulheres têm papel fundamental na agroindustrialização nas propriedades rurais, pois são as responsáveis pela alimentação da família, detentoras de um saber-fazer passado de geração em geração, sempre de mãe para filha, que dão esse caráter diferenciado à produção. Esse protagonismo da mulher no preparo das refeições se mantém até hoje, como demonstrado na pesquisa “Perfil das Mulheres Rurais no RS” (Emater/RS-Ascar, 2022). A busca por esses saberes e sabores serão os propulsores da agroindústria familiar.

No processamento do leite, por exemplo, a mulher tem um papel fundamental desde a ordenha e alimentação das vacas até a elaboração do queijo, que, em muitos casos, é atividade exclusiva dela. No processamento de carne, o homem geralmente é responsável pela matança do animal, ficando os preparos dos cortes e embutidos com as mulheres. O processamento de farináceos também é a cargo das mulheres, cujas receitas de pães e bolachas são aprendidas com suas antecessoras.

O que se vê é que mesmo com esse protagonismo da mulher no processamento, em vários casos, os documentos de formalização do empreendimento são feitos no nome do homem, demonstrando a problemática do machismo estrutural, que coloca o homem como responsável e detentor do negócio e a mulher em um papel apenas reprodutivo.

A mulher agricultora tem papel fundamental no desenvolvimento rural, pois está presente nas diferentes frentes de trabalho da unidade de produção familiar e na comunidade onde está inserida, como:

- no trabalho reprodutivo e geracional, que converge com os cuidados dos filhos e de todos os seus;
- no trabalho voltado aos afazeres diários da casa;
- no trabalho produtivo, no qual a mulher não contribui só com sua força de trabalho, mas também com as inúmeras escolhas e decisões que as atividades produtivas encerram, bem como sugestões para as aptidões das propriedades rurais;



- nas atividades agroindustriais, que geram renda e sustentabilidade;
- na produção de alimentos para o autoconsumo, que tem papel fundamental na segurança alimentar e saúde das famílias;
- na participação em diferentes espaços de tomada de decisões.

As ações desenvolvidas pela Emater/RS-Ascar com as mulheres rurais contemplam a questão da equidade de gênero, fortalecendo a atuação da mulher rural, garantindo o acesso às políticas públicas sociais e para a produção, como terra, crédito e oportunidade de formação que permitam seu desenvolvimento profissional. Ainda proporcionam o fortalecimento de suas organizações, o aumento de renda agrícola ou em outras áreas, o combate à violência e às demais vulnerabilidades a que estão sujeitas.

As metodologias mais utilizadas são visitas, reuniões, trabalhos em grupos, seminários, encontros, que buscam criar condições concretas para estimular a maior participação feminina em todas as esferas da sociedade, bem como pensar e propor projetos que visem a melhoria da qualidade de vida das mulheres, garantindo sua valorização.

As ações desenvolvidas no campo demonstram que as mulheres cada vez mais buscam por seus espaços e os alcançam porque entendem seu importante papel, como é o caso das mulheres na agroindústria. Além disso, a própria sociedade tem discutido de forma mais intensa as questões relacionadas ao tratamento dado à mulher, o que reforça a importância do trabalho desenvolvido pela extensão rural.

Além das atividades desenvolvidas especificamente para esse público, que foram citadas anteriormente, a ATERS contempla a mulher em todas as demais atividades desenvolvidas, como, por exemplo, na produção de grãos, na bovinocultura de leite, no artesanato e na agroindustrialização.

3.4 Nossas Percepções/Olhares



Ao sermos recebidas em cada uma das propriedades, o acolhimento das famílias permitiu que pudéssemos conhecer histórias de vida inspiradoras. Enquanto éramos recepcionadas na varanda, na cozinha ou na sala, íamos criando uma intimidade para permitir abrir o livro da vida.

Ao nos depararmos com essas histórias, foi possível entender que, sem o envolvimento e a persistência das mulheres, talvez a maioria das agroindústrias não existissem, pois o que há em comum entre todas as histórias é que a iniciativa de ter uma agroindústria foi da mulher. E essa decisão se deu por diversas razões, como: doenças, que impediam de seguir trabalhando no sol; necessidade de ter ou aumentar a renda da família; vontade de inovar, espírito empreendedor; ou simplesmente descobrir que o alimento até então destinado ao autoconsumo poderia ser desejado por outros.

É unânime também entre as entrevistadas que, quando perguntadas sobre as mudanças em suas vidas com a agroindústria, grande parte delas respondeu que tudo havia mudado, como o aumento da renda, da autoestima, o sentir-se útil e capaz, a possibilidade de dar uma opção aos filhos e o orgulho de produzir um alimento elogiado pelos consumidores.

As entrevistas foram momentos diferenciados, pois possibilitaram que essas mulheres, de fato, parassem e analisassem sua história de vida. Ao lembrar o passo a passo percorrido para chegar até os dias de hoje, muitas não contiveram a emoção.

O momento das fotografias, quando elas se tornaram protagonistas, foi de extrema importância, porque representou uma forma de materializar esse reconhecimento por elas e pelos seus produtos.

Quando buscamos a situação atual das agroindústrias mostradas em 2014, realidades muito diferentes apareceram: alguns empreendimentos cresceram muito, e outros não existem mais. Contudo, é evidente que o incentivo a agroindustrialização nas propriedades rurais, considerando essa atividade como complementar, já não representa a realidade, pois a agroindústria, na maioria das propriedades, e não somente nas entrevistas, tornou-se a atividade principal. A mulher, o homem, os filhos e, muitas vezes, os vizinhos estão envolvidos na atividade, desde a produção ou aquisição de matéria-prima até a comercialização.



A sucessão familiar, em algumas dessas famílias, já está ocorrendo. Os filhos já são protagonistas do processo ou estão se inteirando para em breve assumirem a propriedade. Os próprios investimentos em estrutura, como ampliações, são feitos pensando no futuro dos filhos. Outro dado curioso verificado foi o fato de que a maioria das iniciativas coletivas não permaneceram, exceto por uma. As demais fecharam, ou uma das mulheres assumiu sozinha o negócio.

A participação do homem também mudou nesses 10 anos. Antes, a agroindústria era da mulher, que, às vezes, contava com o apoio do homem. Hoje, verificamos que os homens, em vários casos, deixaram suas atividades para de fato trabalhar na agroindústria, visto que essa é a atividade mais rentável da propriedade.

Todas referendaram a atuação contínua da Emater/RS-Ascar em relação aos serviços de ATERS, que possibilitou a concepção da ideia da agroindústria, a busca por recursos (financiamento e/ou apoio de gestão municipal ou entidades) para construção da estrutura física e compra de equipamentos, o auxílio na etapa de formalização e a busca por mercados para a comercialização.

A organização deste livro nos proporcionou momentos únicos, tanto profissionais quanto pessoais, pois é impossível ficar indiferente a tantas histórias. Saímos desse processo mais experientes e mais sensíveis às questões da mulher, além de termos a certeza da importância do trabalho da Emater/RS-Ascar na operacionalização da política pública de agroindústria familiar.



4 O PROTAGONISMO DA MULHER HOJE



Na 2ª edição deste livro, foi mantido o objetivo de apresentar cases de agroindústrias familiares lideradas por mulheres para valorizar o papel delas no processamento de alimentos. Para a seleção dos empreendimentos, contou-se com o auxílio dos colegas dos escritórios regionais e municipais que foram desafiados a indicar um estabelecimento por região administrativa da Emater/RS-Ascar liderado por uma mulher, preferencialmente jovem, que gostasse de inovação e cuja história de vida fosse inspiradora.

Com os empreendimentos selecionados, uma equipe de extensionistas da Gerência Técnica e o fotógrafo da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação e Desenvolvimento Sustentável (SEAPI) percorreram os doze municípios, realizando as entrevistas e as fotos. Foram quatro meses dedicados a essas tarefas, aliados à escrita do conteúdo técnico, para posteriormente revisão, diagramação e publicação do livro.

A seguir, são apresentadas as doze histórias, com relatos escritos a partir da observação das autoras e relatos das participantes.



Associação
Semáforo
Doce e Salgado
da Terra



Almirante Tamandaré
Vera Lúcia Santos da Silva
Agroindústria
Doces e Salgados da Vera

superação

A agroindústria nasceu da necessidade de ter renda, pois a família apenas recebia o Bolsa Família. Como a maioria dos pequenos empreendimentos, a Vera iniciou vendendo seus produtos informalmente para vizinhos e, com o incentivo e apoio dos extensionistas da Emater/RS-Ascar, chegou-se à formalização do empreendimento. Hoje, a maior parte da renda familiar é proveniente da agroindústria e todos estão envolvidos na atividade. A família já pretende ampliar as instalações para processar mandioca descascada.







Faxinal do Soturno
Lisana Ferigolo Bastiani
Agroindústria
Azienda Bastiani

Força

Diferentemente dos outros casos, a ideia da agroindústria foi do marido da Lisana. Porém, a escolha do que processar foi dela, que escolheu receitas da família que eles gostavam de fazer e de consumir. Depois de consolidar a produção das geleias tradicionais, vieram as inovações, com a linha de condimentados e a linha de molhos, caponata e tomate confit, todos em embalagens pequenas, facilitando a compra para as famílias, que estão cada vez menores. A renda contínua e não anual, como é a renda da lavoura, é um dos diferenciais que a venda dos agroindustrializados proporciona. Hoje a Lisana é a responsável pelas vendas, e sua filha, Esley, faz o processamento e cuida da parte documental e de *marketing*. Um ponto importante é o pagamento de salário para as filhas que auxiliam na agroindústria, como um meio de valorizar o trabalho delas e mantê-las na atividade. É gratificante para eles a fidelização dos clientes!







Feliz
Eni de Barros Gayer
Agroindústria
Terra e Vida

guerreira

A agroindústria foi uma alternativa para o trabalho realizado no sol quente, após recomendação médica devido ao diagnóstico de um câncer. No início, a Eni não teve muito apoio da família, que viu com desconfiança a ideia do negócio. Porém, hoje, a venda dos produtos da agroindústria representa 70% da renda familiar, e o marido e os filhos auxiliam nas atividades.







Hulha Negra
Sueli Dreher Zago,
Milena Zago,
Daísa Zago
Agroindústria
Zago

Força

Nesta família, a agroindústria também surge como uma alternativa para a geração de renda, após o marido da Sueli se acidentar. A atividade foi iniciada no período de pandemia, o que dificultou as vendas e o acesso a cursos. Mas hoje, a agroindústria representa 90% da renda da família, e a sucessão já ocorre através da filha Milena. Mãe e filha valorizam a liberdade proporcionada pela agroindústria, como o fato de ter renda própria e “ser dona de si”.







Lagoão
**Bianca Aparecida Muller
e Leci Terezinha Muller**
Agroindústria
Muller

Coragem

A produção de pão e bolacha começou há 15 anos, quando a Leci se deu conta que não queria mais trabalhar na lavoura, e iniciou fazendo as vendas de porta em porta. Com o apoio da Emater/RS-Ascar, a produção foi formalizada, e hoje, além de mãe e filha trabalharem na produção, contam com o apoio de duas funcionárias. Inicialmente desafiaram-se nesta nova atividade, enfrentaram a competitividade e hoje reconhecem a fidelização dos clientes. A flexibilização de horários, a liberdade e qualidade de vida são tidos como vantagens em se trabalhar com a agroindustrialização na propriedade rural.







Maquiné
**Danielle Peroti Paz,
Sheila Peroti Paz e
Pietra Perot Paz**
Agroindústria
Lírio do Brejo

gratidão

A família Peroti Paz não apenas processa alimentos, mas defende suas ideias de incentivo ao pequeno produtor e uso das plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Começaram a processar a banana da propriedade e fazer testes de pastas e preparações com as PANCs. E a partir disso surgiu a agroindústria. São consideradas neururais, pois deixaram Porto Alegre para viver em uma propriedade rural, com renda advinda das atividades desenvolvidas ali. São realmente apaixonadas pelo que fazem!





Mariano Moro
**Indianara Luana Sacomori
Ecker**
Agroindústria
Adoçando a Vida

corajosa



A família já fazia o melado antes, mas deu prioridade para outros produtos. Indianara e o marido pensaram em ter algo que gerasse renda só para o casal, então incrementaram a produção de cana e passaram a fazer mais melado. Com a boa aceitação e aumento das vendas, puderam comprar máquinas que auxiliaram para aumentar a produção. Hoje 80% da renda da propriedade vem do melado. A divulgação nas redes sociais facilita as encomendas pelo WhatsApp, que é feita com pedidos antecipados e entregam no dia que vão para a cidade.





Pinto Bandeira
Alana Foresti
Agroindústria
Vinhos Foresti

Determinação

A história da Vinhos Foresti está diretamente relacionada à tradição de produção de vinhos, herança da imigração italiana na Serra Gaúcha. A família sempre produziu vinhos para consumo e venda informal e com o objetivo de agregar valor à produção já existente. Aliado à formação da filha Alana, que é enóloga, a família optou pela formalização. Nessa propriedade, a sucessão já ocorre, pois a Alana é responsável pela produção e venda. Hoje, a família também está aliando a produção de vinhos ao turismo, e reconhece que houve uma mudança econômica significativa com a formalização do empreendimento e consequente abertura de mercados. Alana foi uma das poucas entrevistadas que percebe a diferença entre o tratamento de homens e mulheres. Reconhece que o machismo já foi pior, mas, ao mesmo tempo, relata que, em muitas das vezes que visita futuros clientes, eles solicitam a presença do pai para fechar o negócio.







Santa Rosa
Dolores Maria Beyer Jek
Agroindústria
Jek

gratidão

A família Jek sempre foi produtora de hortigranjeiros. Até que um dia a Dolores, com uma cunhada, iniciou a produção e venda de pão de milho. O pão foi um sucesso. Com o passar do tempo, a cunhada desistiu do negócio, e a Dolores seguiu sozinha e construiu a agroindústria de farináceos, ampliando a diversidade de produtos. Hoje, marido e nora auxiliam no negócio, e 100% da renda da propriedade é resultado das vendas para PNAE, feiras e também dos eventos que são realizados na propriedade.







Santo Augusto
Marilene Weber Silva
Agroindústria
D’Nena Laticínios

gratidão

A Marilene, cujo apelido dá nome a agroindústria, era dona de casa até resolver “de brincadeira” fazer uns queijos, pois a família tem produção de leite. Com o auxílio da filha, que pesquisava na internet novas ideias para inovar nos produtos, as vendas foram aumentando, e a dona de casa passou a proprietária de agroindústria. Foram enfrentados alguns desafios, principalmente em relação à parte documental. Mas a Nena reconhece que tudo valeu a pena, pois a agroindústria mudou a sua vida e a fez ter reconhecimento pelo que é capaz de produzir.







Sarandi

Fabiana Cristina Casagrande

Agroindústria

Delícias da Fabi

gratidão

A história da Delícias da Fabi se difere das demais! A Fabiana sempre morou no meio urbano, e ao surgir a oportunidade de retornar para sua cidade natal e morar em uma propriedade rural, ela viu-se desafiada a desenvolver uma nova atividade para ocupar-se e gerar renda. Depois de muita pesquisa e testes, surgiu a agroindústria de biscoitos, que hoje é a renda principal da família. Quando questionada sobre o que mudou na sua vida com a agroindústria, a resposta é “tudo”, pois a agroindústria melhorou a autoestima e a sua percepção de valorização.







Turuçu
Francine Kluge
Schimmelpfennig
Agroindústria
Delícias Coloniais

persistência

A agroindústria proporcionou uma melhora na qualidade de vida da família, diminuindo a penosidade do trabalho. A Francine sempre gostou do trabalho com pimentas, seja na lavoura e posteriormente com a elaboração das conservas. Hoje 90% da renda da propriedade é advinda da agroindústria.





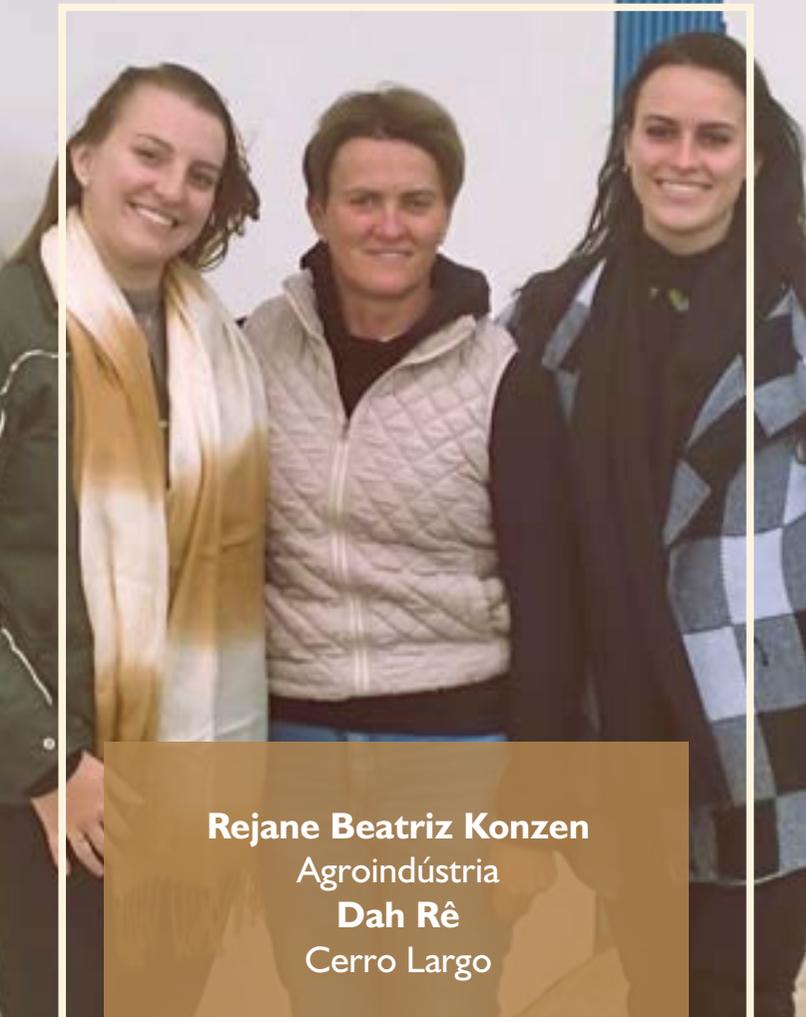
5 RETROSPECTIVA DA 1ª EDIÇÃO DO LIVRO



Nesta seção, serão apresentados os relatos das 16 agroindústrias que participaram da 1ª edição do livro, no ano de 2014. Os extensionistas rurais dos escritórios regionais e municipais foram os responsáveis pela coleta dos depoimentos e pelo pedido de envio de uma foto atual da mulher ou do grupo, fotografados anteriormente.

O depoimento teve o objetivo de verificar a situação atual daquele empreendimento, as mudanças, nesses últimos dez anos, em relação tanto à mulher quanto à agroindústria. Verificou-se que quatro empreendimentos encerraram suas atividades, não por falta de vendas, mas por questões de idade, saúde e organização. Por outro lado, todas as demais aumentaram a comercialização, ampliaram as estruturas físicas, estão fazendo a sucessão familiar e agregaram o turismo rural na propriedade. Já algumas seguem trabalhando, não desejam ampliar e estão pensando na aposentadoria.

Os relatos de cada agroindústria foram extraídos dos áudios ou de texto enviados pelas participantes. Alguns são transcritos *ipsis litteris*, e outros foram resumidos pelas autoras.



Rejane Beatriz Konzen
Agroindústria
Dah Rê
Cerro Largo

"[...] A visão que se tem no início muda totalmente ao passar dos dias. A agroindústria tem força, reconhecimento, e aquela visão de pequeno não é real. A agroindústria começa, sim, pequena, mas pode se tornar gigante, basta acreditar e quebrar preconceitos por nós criados [...] Trabalho dá, e muito, e nós da agro não temos medo disso. Fizemos para ter o diferencial. A agro pode ser tudo aquilo que ela quiser e ir até onde ela quiser. Devo tudo o que sou, o que tenho, o quanto evoluí, devo a agro."

Denise Carmen Ficks
Agroindústria de conservas
Ficks
Erechim

"Estamos há 25 anos na produção e no ramo de doces de frutas, e a diversificação do meio rural é o principal ramo da sustentabilidade e da permanência do meio rural; só de grãos o pequeno agricultor não sobrevive. A agroindústria nos anima e nos fortalece como agricultora, e fizemos o trabalho artesanal com muito amor e carinho."





**Maria Aparecida
da Silva Bernardi**
Agroindústria
Doces Silber
Flores da Cunha

“Em 2018 [...] lançamos o caminho dos mirtilos. Foi muito bom pra nossa família. Aí entrou a pandemia, caíram as vendas, e [...] nós decidimos inovar construindo uma segunda agroindústria dentro da propriedade na parte de panificação, hoje trabalhamos com massas. Aí nós recebemos o turista na nossa propriedade. Nós temos uma experiência de colher as frutas direto do pé, de vender os doces produzidos pela família. Aí hoje eu conto com a ajuda das duas noras [...] e mais o nosso filho mais novo, que cuida da propriedade da parte da plantação com o apoio do pai. E nós as mulheres cuidamos da parte do turismo, da produção das geleias, sucos, a parte de panificação, onde as pessoas podem visitar nossa propriedade, vim aqui comer o nosso pão caseiro colonial, as nossas massas, toda produzida pela família.”

**Carmelinda Tibola,
Genessi Diesel,
Marileze Calolego,
Noeli Zanchin Simon,
Rose Fátima da Rosa**
Agroindústria
Coletivo Mãe Terra
Jóia

“Há 10 anos atrás nós tinha várias pessoas trabalhando na padaria, nós conseguia agregar as várias vendas, como PNAE, PAA e comunidade. Em geral, os anos foram passando e começou a diminuir a mãe de obra. Um das companheiras foram ficando mais idosas não podendo mais trabalhar. Um das saíram do local, mas não deixamos de continuar o trabalho [...]. Hoje as vendas diminuíram um pouco, mas estamos felizes por não ter que fechar. E assim vamos mantendo com muita força e garra, apesar das dificuldades. Continuaremos trabalhando e acreditando que possamos ter jovens para continuar.” (Genessi Diesel)





Elionete de Jesus Teixeira
Agroindústria
Sabor da Terra
Lavras do Sul

Agroindústria Sabor da Terra é hoje uma marca consolidada na cidade e região por seu capricho e profissionalismo. Vendem seus produtos para feira da agricultura familiar local e feiras regionais, PNAE, comércio local, cafés para eventos. Recebem visitas técnicas de outros municípios que querem conhecer sua estrutura e forma de trabalho. As filhas, que passaram alguns anos trabalhando com a mãe, possuem trabalhos fora da propriedade, mas ajudam quando preciso; a mais nova foi beneficiária do Bolsa Juventude com projetos na bovinocultura de corte. A Elionete continua tocando o trabalho, mas já fala em se preparar para a aposentadoria.

Jocéli Pereira,
Marli de Souza
Agroindústria
Quilombo Vovó Izabel
Nova Palma

“O que mudô é que antes eu fazia em casa, depois que eu comecei, né, a lida como livro, a gente teve a agroindústria que a gente começou a produzir aqui, que tem mais maquinário, tem mais coisas pra gente lida, né, mais espaço [...]. E daí começemo prduzi pra fora, merenda escolar, pras comunidades vizinhas, pras festas. A gente tá produzindo bem mais do que quando fazia em casa [...]. A Emater, né, repassou que nós já tava começando a trabalhar, daí tinha uma agroindústria, tava legalizada. [...] E agora todo mundo sabe que existe nós [...]. Fiquei muito realizada de vim pra cá trabalha. Eu adoro o que eu faço e me sinto muito feliz [...]” (Joceli Pereira)

“Faz oito anos que eu tô trabalhando aqui [...]. Vem de berço, eu acho. Minha mãe fazia pão em casa, né. É um serviço que tu não fica ali só na volta da pia e fogão, pia e fogão. Aí tu vem aqui, faz as tuas coisa, faz a bolacha, faz o pão e vai embora, quando termina o serviço. A gente trabalha de segunda a sexta. Fim de semana a gente fica em casa daí.” (Marli de Souza)





**Adelina Editha Hermes,
Adriane Ines Preuss,
Andreia Cristina Preuss,
Dirce Beckemcamp Fischer,
Leni Schmidt,
Ornélia Maria Beckemcamp,
Sonia Beatriz Eichelberger**
Agroindústria
Mulheres Guerreiras
Passo do Sobrado

*“O encerramento das mulheres guerreiras foi no dia 18 de agosto de 2022. Foi decidido por todas as integrantes do grupo no encerramento [...]. Cada uma teve seus objetivos diferentes. Vamos dizer, cada uma seguiu com a sua vida [...]. Muitas destas mulheres já não mais plantavam verduras, já tinham outra fonte de renda, por isso que a Associação Grupo Mulheres Guerreiras teve o encerramento, por falta de produção.”
(Andreia - última presidente da Associação)*

**Beatriz Casanova,
Rita Lorenzato Biff
e Zuleica Casanova**
Agroindústria
Consórcio
Santa Gema de Ervas
Medicinais
Passo Fundo

“Pra começar, eu poderia dizer que ela até tá caminhando, dentro das condições propostas. Porque nós tínhamos, assim, uma quantidade muito grande de produto, a gente plantava, por exemplo, 25, 26 variedades, e era toda ela vendida. Aí hoje a gente tem uma quantidade menor devido à legislação [...], e ficamos uma mistura de chimarrão, que é o nosso carro-chefe.” (Zuleica Casanova)

Nós, quando iniciamos a agroindústria, nós tava muito animadas, porque nós tinha nossos filhos em casa [...]. Depois com o passar do tempo cada um seguiu o seu caminho [...]. Ah, dá pra se dizer, nós tamo felizes, porque as famílias continuaram unidas. A gente se conhece uma a outra né, e vamo continua até que Deus quiser.” (Rita Loranzato)





Dalis Cristina Hauestein
Agroindústria
Hasul
Paverama

“Em 2018 a gente teve que ampliar a indústria, porque o espaço estava pequeno [...]. Em 2019 a gente ampliou o aviário, todo automatizado, todo climatizado [...], e a gente conseguiu a adesão ao SUSAF, isso aumentou muita a nossa venda e a procura do produto [...]. Antes desse aviário entrar totalmente em operação, veio a pandemia, que fez a gente dar 10 passos para trás. Em 2022, a gente voltou a ampliar a indústria, fizemos uma câmara fria maior, nova, ampliamos a expedição e também a parte administrativa [...]. A gente tá com um projeto de ampliação do aviário pra a gente quase duplicar de novo [...]. A gente tem dois filhos [...]. Eles já tão totalmente inseridos tanto no aviário quanto na indústria, né? E a gente tá já fazendo esse aviário novo, pensando neles, pensando numa sucessão e que eles possam, num futuro bem próximo, começar a administrar o negócio nosso, né? [...]”

Cirley Lorenzati
Agroindústria
Sabores da Montanha
Pinto Bandeira

“Depois do livro pra mim foi um sucesso bem grande, porque eu podia levar o livro na feira. Fui em muitas feiras, e, assim, era um orgulho pra mim ter podido participar deste livro. E na agroindústria mudou muita coisa, porque depois da pandemia não fiz mais feira, mas eu tô no segmento de extrato de tomate, de molho de tomate, pros colégios, pra merenda escolar. A minha agroindústria era vegetal, registrei panificação também e comecei fazer pães e pizza. Agora deu uma acalmada e vou continuar, né, mas extrato tem muito. E tô com frutas desidratadas fazendo muito chá, entregando pra uma casa de chá no Vale dos Vinhedos, não tenho um minuto de tempo.”





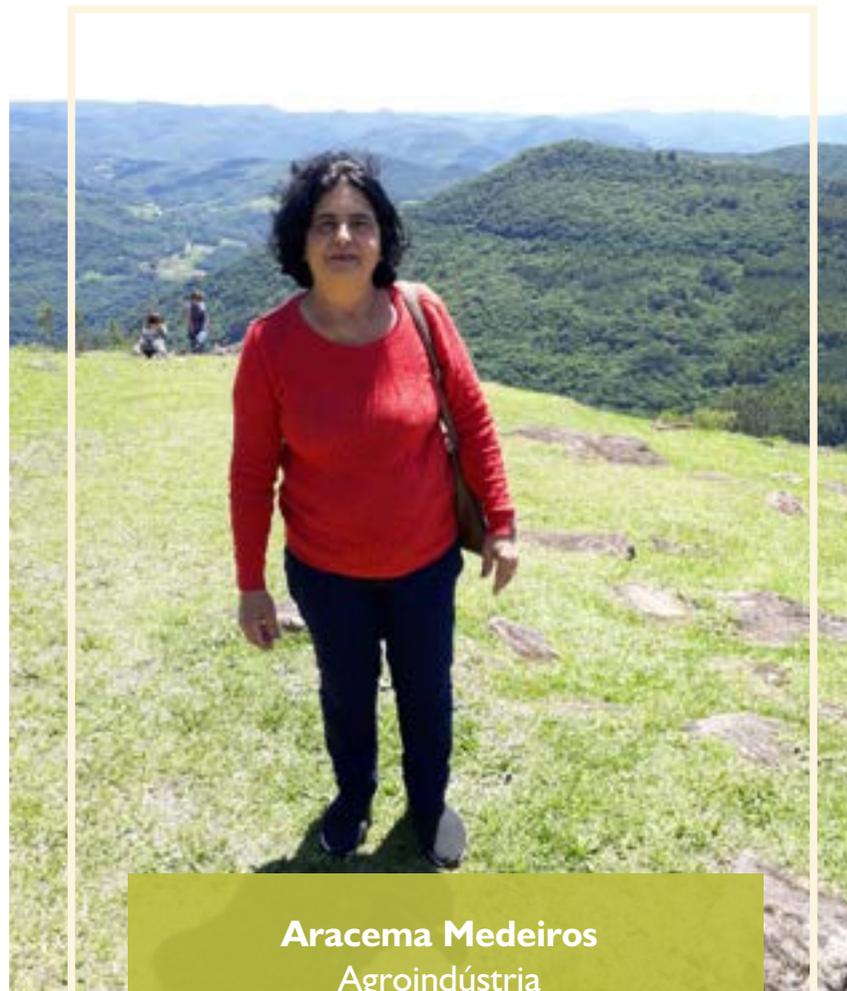
Seloni Sperafico
Agroindústria
Sperafico
Rolante

“Olha, está bem, a gente tá produzindo bastante, só que não tem mão de obra, o pessoal novo vão tudo pra cidade, não querem ficar no interior [...]. Depois de um tempo pra cá, a gente começou a produzir pros colégio, fazer merenda escolar, bolachas, cuca, pão, e a gente nota que a agroindústria cresceu bastante de 2014 pra cá. [...]. Olha, depois que a gente construiu a agroindústria, a gente conseguiu fazer uma casa nova com o recurso da agroindústria que ajudou também [...]. O último ano pra cá a gente conseguir fazer uma parreira com só uva de mesa, que espero que esse ano já vai produzir bastante pra renda a mais da família. [...]. Outra coisa também que a gente tá produzindo depois do agnolini, massa, tortei, compota, tudo o que a gente tem tempo a gente tá tentando produzir e tudo tem boa aceitação no mercado.”

Solange Teixeira Sbardelotto
Agroindústria de Vinhos
e Sucos
Sbardelotto
Rolante

“Em 10 anos que se passaram, tivemos várias mudanças e desafios em nossa agroindústria. Conforme o tempo foi passando, fomos se especializando e aprendendo cada vez mais sobre o ramo, aumentando as vendas, diversificando os nossos produtos. Investimos em espaços de lazer para as pessoas apreciarem e aproveitarem mais da nossa propriedade. A movimentação das redes sociais e a criação de novos rótulos também fazem parte da trajetória. No último ano, decidimos criar uma hospedagem também para fomentar o turismo local e diversificar a economia da nossa família. Agradeço muito aos nossos filhos, que vem dando sucessão ao trabalho, sempre criando ideias para aprimorarmos cada vez mais a nossa propriedade.”





Aracema Medeiros
Agroindústria
Heldt
Santo Antônio da Patrulha

“Devido à idade e à falta de sucessão, a família optou por encerrar as atividades da agroindústria.”

Zenaide Soares
Agroindústria
Embutidos Araldi
Sarandi

A agroindústria se desenvolveu muito nesses últimos 10 anos. Foram muitas feiras, muitas vendas, investimos em novos equipamentos. Só tenho gratidão pela minha agroindústria, eu nunca pensei que eu seria capaz de fazer tanta coisa, e eu acho que eu me saio muito bem!

“De 2014 para cá, a nossa agroindústria desenvolveu muito. Primeiro lugar, bastante feiras; segundo lugar, bastante vendas [...]. Mudou muita coisa, as maquinário mudo tudo, e daí fomos desenvolvendo cada vez mais, cada vez mais [...]. Daí a Emater ajudou nós bastante também. Sobre isso, temos fazendo mais feira depois que a gente começou a se inscrever pela Emater, acho que temos conseguido muito mais agora de que 10 anos atrás? Então a parte financeira de bancos quase sobra tudo para mim: fazer pagamentos, boleto, fazer folhas no computador. Como que eu não sei escrever, mas eu sei pela minha cabeça, eu vou lá e faço tudo bem certinho. Ajudo na fábrica, mais na parte da faxina... Só gratidão, é uma coisa assim que eu nunca imaginei que eu ia passar por todo esse processo...E como mulher, eu acho que me saio muito bem.”



Agroindústria
Cooperativa Coopesca
São Lourenço do Sul

*A agroindústria encerrou as
atividades.*

Iolanda Geri Ritter
Agroindústria
da Pomerana
São Lourenço do Sul

“Parei por um instante para lembrar das mulheres incríveis que conheci na minha trajetória com a Emater, que são exemplos de superação, e fazendo uma retrospectiva sobre mim, vencer a mim mesma e de voar em busca do que acredito. Depois de sofrer um golpe que me desestruturou financeiramente, o que foi um processo doloroso e solitário, e ter uma crise existencial, fico refletindo sobre o quanto me permiti e não permite por mais que me custasse, que nada me limitasse, nem as paredes de um empreendimento lindo que idealizei e construí com minha família. Pensando nisso, revivi cada momento. E hoje sou Mentora de mulheres que buscam acessar seu poder pessoal e viver sua melhor versão.”





REFERÊNCIAS



CAVINATTO, Joélen Assman; SILVEIRA, Jaqueline Patrícia; CRUZ, Fabiana Thomé da. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano 30, n. 2. Edição Especial, p. 41-58, jul./dez. 2019. ISSN: 2318-2695. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/view/12237/9230>. Acesso em: 01 ago. 2024.

FREITAS, André Marcelo Pereira; CORCIOLI, Graciella; CRUZ, Fabiana Thomé da. Retrato das agroindústrias e dos programas governamentais de apoio à agroindústria familiar no Brasil. **Revista de Economia e Agronegócio**, Viçosa, vol. 20, n. 2, 2022. ISSN online: 2526-5539. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/rea/article/view/14055/7750>. Acesso em: 01 ago. 2024.

MENEZES, Daiane Boelhouver; BOCK, Clarice Vaz Emmel. **Perfil das mulheres rurais do RS**: relatório técnico. Porto Alegre: Emater/RS-Ascar; DEE/SPGG, 2022. 68 p. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202203/08163525-relatorio-tecnico-dee-perfil-das-mulheres-rurais-do-rs-l-compressed.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2024.

MEUS, Aguilar; GRACIÉLA, Albina; ETHUR, Luciana Zago. O protagonismo da mulher e sua representatividade no desenvolvimento local da agricultura familiar. **Revista Conexão UEPG**, [S. l.], vol 17, n. 1, 2021. ISSN-e 2238-7315. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8001472>. Acesso em: 29 jul. 2024.

NOGUEIRA, Aldnira Tolentino; OLIVEIRA, Kelly Santiago; COSTA, Meire Ane de Lima. Agroindústria familiar: um espelho a partir das agricultoras familiares de Matinha – Feira de Santana. In: ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE PESQUISA, EXTENSÃO, INOVAÇÃO E CULTURA DO TERRITÓRIO DO SISAL, 6. 2023. Serrinha, Bahia, v. 8, especial n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/CM/article/view/1139/1008>. Acesso em: 28 jul. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Desenvolvimento Rural. **[Documento interno]**. Porto Alegre, RS: SDR, 2024. Não publicado.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 14.880, de 17 de junho de 2016**. Altera a Lei nº 13.921, de 17 de janeiro de 2012, que institui a Política Estadual de Agroindústria Familiar no Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2014.880.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2024.

ROLDAN, Bruna Bresolin; GHIZZONI, Leila. TONIAL, Magda Aparecida Limberger. **As mulheres na agroindústria familiar**: participação e sustentabilidade. Porto Alegre: Emater/RS-Ascar, 2014. 52 p. il. color. Disponível em: <http://biblioteca.emater.tche.br:8080/pergamumweb/vinculos/000003/00000337.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2024.

ROLDAN, Bruna Bresolin; AMBROSINI, L. B; BREMM, C.; KROEFF, D. Characterization of colonial cheese: appreciation a traditional product from southern Brazil. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 53, n. 9, p. 1, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cr/a/JMWxYXgDTMtpSthdWbc9yQ/>. Acesso em: 01 ago. 2024.









